

Artigo de revisão | *Review*

Quadrímembração: as quatro organizações que constituem o ser humano de acordo com a antroposofia

Fourfoldness: the four organizations that constitute the human being according to anthroposophy

Nilo E. Gardin¹

¹Médico antroposófico e homeopata
Endereço para correspondência:
nilogardin5@gmail.com

Palavras-chave: Quadrímembração; antroposofia; constituição do ser humano; organização vital; organização anímica; organização do eu.

Key words: *Fourfoldness; anthroposophy; constitution of the human being; vital organization; soul organization; ego organization.*

RESUMO

A antroposofia fundamenta sua visão do ser humano em alguns conceitos básicos. Um deles é a quadrímembração, ou constituição quádrupla, composta pela organização física (ou corpo físico), organização vital (ou corpo etérico), organização anímica (ou corpo astral) e finalmente organização do eu (ou espírito). A doutrina dos quatro elementos, de épocas pré-cristãs, correlaciona cada um deles às organizações citadas, respectivamente: terra, água, ar e fogo. A organização física é o que o ser humano tem em comum com o reino mineral. Sua dimensão é o espaço, e o órgão-terra, o pulmão. A organização vital, aquilo que temos em comum com o reino vegetal, determina as forças de crescimento, anabolismo e os sete processos vitais. Sua dimensão é o tempo e o órgão-água, o fígado. A organização anímica, que os animais também possuem, é o que determina a vida de relação, os instintos, as dualidades simpatia/antipatia, prazer/dor, as forças de contenção do crescimento (catabolismo). O órgão-ar é o rim. A organização do eu é exclusiva dos seres humanos e determina aquilo que é essencialmente humano: andar ereto, falar e pensar. Através dessas habilidades as pessoas têm chance de desenvolverem autoconsciência, autorreflexão e a possibilidade de modelar seu próprio destino individual.

ABSTRACT

Anthroposophy bases its view of human beings in some basic concepts. One of them is fourfoldness, or quadruple constitution, composed by the physical organization (or physical body), vital organization (or life body, or etheric body), soul organization (or astral body) and finally the ego organization (or spirit). The doctrine of the four elements from pre-Christian times correlates each element with the aforementioned organizations, respectively: earth, water, air and fire. The physical body, as physical-material structure, held in common with the mineral kingdom. Its dimension is the space, and the organ-earth is the lung. The vital organization, what we have in common with the plant kingdom, determines the growth forces, anabolism and the seven life processes. Its dimension is the time and the organ-water is the liver. The soul organization, which animals also have, represents the growth containment forces (catabolism) and determines the relationships, the instincts, the dualities: sympathy-antipathy, pleasure-pain. The organ-air is the kidney. Finally, the ego organization, only found in human beings, determines what is essentially human: the abilities to walk upright, talk and think. Through these skills people have the chance to develop self-awareness, self-reflection and the possibility to change their own individual destiny.

Um dos fundamentos mais importantes da visão antroposófica do ser humano é a assim chamada quadrímembração ou constituição quádrupla da pessoa. Não só a antroposofia considera que o ser humano tem esses alicerces. Desde tempos imemoriais, diversas culturas e filosofias já apontavam para tal constituição através de mitos e lendas. Neles, figuram quatro elementos primordiais: terra, água, ar e fogo.

MITOS E DOCTRINAS SOBRE OS QUATRO ELEMENTOS

A criação do ser humano contada pela mitologia grega é descrita por Hesíodo, autor de *Teogonia – a origem dos deuses*.¹ Prometeu, filho do titã Jápeto e da oceânide Clímene, molda um boneco de barro (terra e água) e Atena, a deusa da sabedoria e das artes, com seu sopro (ar) o anima. O ser humano assim criado tinha corpo e alma, mas faltava algo. Zeus ou Júpiter permite que Prometeu molde outros seres humanos, mas não lhes permite ter o fogo. Zeus é responsável pela existência das coisas boas e das coisas más, é ele quem decide o destino humano. Prometeu oferece então um sacrifício a Zeus: após abater um animal, separa-o em dois pacotes: um maior só com ossos e gordura, e um menor com a carne. Zeus escolhe o maior. Quando Zeus descobre que fora enganado, como castigo, mantém os homens privados do fogo. Contrariando-o, Prometeu rouba o fogo do Olimpo e o dá aos homens. Agora o ser humano tinha os quatro elementos. Mas Prometeu é punido por Zeus, que o prende nos rochedos do Cáucaso, na Cítia. Ali, a águia comia seu fígado durante o dia; durante a noite o órgão se regenerava. Isso se mantém por trinta séculos, até que Hércules liberta Prometeu. Os deuses partem para o céu e abandonam o ser humano à sua própria sorte.

A mitologia dos índios guaranis conta que o deus Tupã (ou Nhanderu) fez estátuas de argila para criar o homem e a mulher. Depois, soprou-lhes vida e os deixou com os espíritos do bem e do mal para então partir.²

O Gênesis, livro sagrado pertencente à tradição judaico-cristã, também explicita quatro elementos na origem da criação:³

No princípio, Deus criou o céu e a terra. A terra estava sem forma e vazia; as trevas cobriam o abismo e um vento impetuoso soprava sobre as águas. Deus disse: "Que exista a luz!" E a luz começou a existir.

O filósofo Empédocles (Sicília, 490 a.C. – 430 a.C.) formulou a doutrina dos quatro elementos que sintetizavam a unidade fundamental da natureza. Esta doutrina foi retomada por Platão (Atenas, 428 a.C. – 348 a.C.) e difundida desde a Antiguidade até poucos séculos atrás.⁴ O elemento terra representa o sólido, o peso, a substância material; a água representa o líquido, a fluidez, a vida; o ar é o gasoso, o movimento, a animação, a inquietude; e finalmente o fogo representa o calor, a energia, a autoconsciência.

Hipócrates (Cós, 460 a.C. – 377 a.C.), apoiava-se nos quatro elementos para a composição dos quatro humores, que geravam os quatro temperamentos: o elemento terra era representado pela bile negra, que quando predominava na constituição do indivíduo produzia o temperamento melancólico (do grego, *melagkholía*, de *mélas*: negro, e *cholé*: bile); da mesma forma para a água que era ligada à linfa e gerava o temperamento fleumático (do grego, *phléagma*: fluido corpóreo produzido por inflamação); o ar, para o sangue e o temperamento sanguíneo; e o fogo para a bile amarela e o temperamento colérico.

ANTROPOSOFIA

Rudolf Steiner e Ita Wegman assim definem:⁵

O homem é o que ele é através do corpo físico, do corpo etérico ou vital, do corpo astral (alma) e do eu (espírito). Ele deve ser visto como homem sadio a partir desses membros; ele deve ser percebido, quando doente, no equilíbrio perturbado deles; para sua saúde devem ser encontrados medicamentos que restabeleçam o equilíbrio perturbado.

Todo o entendimento antroposófico dos processos que ocorrem no ser humano necessariamente pede como pré-requisito a compreensão desta natureza quádrupla. Ela se junta aos conceitos da trimembração do ser humano (que define o sistema neurosensorial, rítmico e metabólico-locomotor) para formar as bases fundamentais da medicina antroposófica.

A ORGANIZAÇÃO FÍSICA

A organização física é aquilo que chamamos de corpo físico, o substrato material para as outras três organizações. De acordo com Steiner,⁶ o corpo físico é a parte do ser humano que tem a mesma natureza do mundo mineral – obviamente também os vegetais e animais possuem um corpo físico. Na organização física há as mesmas substâncias e forças que estão ativas no reino mineral. Ela corresponde ao elemento terra na teoria anteriormente abordada dos quatro elementos.

O corpo físico é de início totalmente determinado pela hereditariedade – por isso também chamado de sistema morfogenético. Para Steiner, o físico e o vital são passados pela hereditariedade; o anímico, muito pouco; e nada do espiritual é passado pela hereditariedade.⁷ A organização física da criança ao nascer é, por assim dizer, dada por seus pais, ou num sentido mais amplo, por seus antepassados.⁸ Em seguida, diversos fatores externos e internos modificarão esse corpo físico ao longo da vida, mas logo ao nascimento ele tem o caráter herdado. Assim se compreende que dois gêmeos idênticos, univitelinos, nascerão com corpos físicos iguais entre si. Com o desenvolvimento, cada um adquirirá

algumas características diferentes, por conta de influências provindas do mundo ou de seu próprio ser.

Volker Fintelmann cita:⁸

Segundo Steiner, as leis da hereditariedade no sentido absoluto valem apenas durante o primeiro setênio. Na sequência, os processos se metamorfoseiam: por um lado, estarão ainda submetidos às leis da hereditariedade, mas por outro as ultrapassarão graças aos processos da individualização. Por este ponto de vista, Steiner qualificou o corpo hereditário de "modelo corporal", uma imagem extremamente pertinente se imaginarmos a obra artística que realiza o pintor a partir de seu modelo, por exemplo. A obra de arte e a realidade do modelo diferirão sempre, ou seja, a realidade do modelo é metamorfoseada pela criação artística, mas ela sempre permanece ligada a ela. No contexto da fisiologia, Steiner menciona a lei do ritmo setenal, constituído por fases de aproximadamente sete anos, durante as quais são alcançadas as transformações ou metamorfoses necessárias à individualização.

Sobre essa questão da hereditariedade versus individualização, é interessante notar o processo de dentição. Os dentes decíduos, que começam a se calcificar na vida intrauterina, representam o caráter herdado. Já a dentição definitiva é expressão da individualidade e se estabelece no fim do primeiro setênio, justamente quando as forças da hereditariedade começam a ceder àquelas da individualização.

Atualmente as diversas desordens de alinhamento dentário e/ou más oclusões na dentição definitiva podem decorrer de conflitos entre individualização e hereditariedade. Por conta disso, seria necessário um tratamento mais profundo e integrativo, não só ortodôntico – mas também o apoio pedagógico, medicamentos dinamizados, terapia artística, dentre outros – baseado nas necessidades individuais.⁹

A organização física está sujeita às leis físicas e químicas, como por exemplo, a gravidade e a deterioração, mas isso é impedido pela organização vital, como será visto a seguir. Ela pode ser avaliada através do exame físico, pela palpação, percussão e ausculta, pela avaliação do peso em relação à leveza, da composição da massa corpórea, da massa óssea (vista aos exames de raios-X e densitometria óssea).^{10,11} Só o corpo físico é acessível à nossa percepção sensorial; as outras três organizações constitutivas que serão abordadas a seguir podem ser percebidas apenas indiretamente, por meio de suas atividades.⁸ Para Steiner, em seu livro *A ciência oculta*, "os sentidos, e o intelecto que neles se apoia, têm acesso apenas a uma parte do ser humano abordado pelo conhecimento suprassensorial, ou seja, o corpo físico." E em seguida, afirma: "Dentro do mundo manifesto, o corpo humano físico é equivalente ao mundo mineral."⁶

Tudo que tem massa, ou seja, a matéria, ocupa um espa-

ço no Universo. Portanto a dimensão da organização física é o espaço.

O ÓRGÃO-TERRA

O ser humano efetivamente nasce quando inspira pela primeira vez. E deixa de viver após a última expiração. Por isso o pulmão é considerado pela medicina antroposófica o órgão-terra ou o órgão que nos prende à Terra.¹²

O mundo externo penetra no ser humano através dos pulmões, e de modo diferente do que ocorre no sistema digestório onde o "mundo" é transformado, ou seja, o alimento é digerido. Nos alvéolos pulmonares o contato com o mundo é feito de forma direta, pois não há transformação nas trocas gasosas.

Como sabemos, o processo respiratório está intimamente vinculado ao elemento ferro, que se liga ao oxigênio a fim de transportá-lo até a célula. Por isso o ferro é considerado o "metal da encarnação".¹³

ORGANIZAÇÃO VITAL

O organismo humano, assim como todo organismo vivo, não está submetido apenas às leis físicas. Dentro dos seres vivos imperam as "leis vitais", que afastam os processos de deterioração aos quais a matéria estaria submetida se estivesse fora do âmbito vital. Segundo Steiner:¹⁴

Uma das características essenciais da substância viva: o fato de que ela se desintegra no momento que a vida se retira dela. Uma estrutura complexa composta de várias substâncias se desintegrará se não for permeada com a vida. Esse é o seu traço mais característico. Então, o que a vida faz? Ela preserva, ela continuamente se opõe à desintegração. A vida tem a capacidade de rejuvenescer porque continuamente se opõe ao que, de outra forma, teria lugar nas substâncias que ela permeia. Quando uma substância contém vida, isso significa que a desintegração está sendo travada. A vida possui as qualidades exatamente opostas à da morte; [...] Assim, a vida torna-se o fundamento da existência física e da consciência por constantemente impedir a desintegração.

Nesse aspecto, estamos lidando com a organização vital, ou corpo etérico. Fintelmann explica:⁸

O termo "corpo etérico" foi escolhido por Steiner em associação com antigos conceitos do âmbito da espiritualidade; não nos esqueçamos de que o auditério de Steiner foi inicialmente composto por membros da Sociedade Teosófica.

A denominação "vital", também usada por Steiner, já remete o leitor à ideia da vitalidade, que é a grande característica desta organização. Portanto é uma terminologia mais didática, na opinião do autor.

A organização vital domina as substâncias inorgânicas para o desenvolvimento da vida. É o que o ser humano tem em comum com o reino vegetal. São atribuições desta organização o crescimento, a reprodução celular, o anabolismo e a regeneração – características notadamente vegetativas.

Vinculada à organização vital está a água, único elemento sem o qual não há vida. As atividades da organização vital se desenvolvem no meio líquido, como por exemplo, no líquido intersticial que banha as células e gera, ordena e restabelece seus processos.⁸ A denominação “forças plasmadoras”, muito usada na literatura médica antroposófica, se refere também à organização vital.

Já “organismo líquido” é o conjunto de líquidos orgânicos que mostra como a organização vital atua na organização física.¹⁵ No meio líquido a força da gravidade é atenuada, exemplificando o que anteriormente foi dito em relação às leis físicas e leis vitais.

A organização vital é formada por um conjunto de funções ou processos funcionais e está organizada em ritmos, ou seja, ocorre em períodos compassados de tempo. Por isso, sua dimensão é o tempo.

Steiner caracteriza sete processos vitais: respiração, aquecimento, nutrição, secreção, manutenção, crescimento e geração.¹⁶ Este tema já foi bem descrito por Sonia Setzer em publicação anterior.¹⁷

A organização vital pode ser avaliada através desses sete processos citados, dos ritmos fisiológicos, da memória, da sensação de bem estar, disposição, sono, distribuição adequada dos líquidos, capacidade de recuperação e de boa cicatrização, de adaptação; pelo exame físico, o turgor da pele, a coloração rosea das mucosas. Em oncologia frequentemente se usa o índice de Karnofsky, que basicamente mede vitalidade (Tab. 1).^{10,11,18}

A qualidade da consciência da organização vital, assim como a consciência que têm os vegetais, é igual à consciência que temos no sono profundo. De fato, quando gozamos de boa saúde e não temos sintoma algum, não temos consciência de nossa vitalidade.⁸

Quando a organização vital domina a organização física, como deve ser, ocorrem os processos fisiológicos. Se, por algum motivo anormal, ocorrer o oposto, ou seja, o vital não prevalecer sobre o físico, então as leis físicas aparecem dentro do organismo vivo. Como exemplo há o edema dos membros inferiores, especialmente dos pés, que mostram a atuação da lei da gravidade sobre os líquidos. Também os cálculos e as doenças de depósito são exemplos de atuação de leis físicas, mostrando a deficiência da organização vital em dominar adequadamente a organização física. Surgem “ilhas” não permeadas por vitalidade, onde a substância passa a ser exclusivamente mineral, como um cálculo de oxalato de cálcio no rim.

O ÓRGÃO-ÁGUA

O fígado é a maior víscera do organismo humano e o principal órgão para a organização vital. Suas características podem ser consideradas como “vegetais”, pela explicação que se segue. Ele tem grande poder de regeneração – haja vista o procedimento realizado para os transplantes intervivos em que o doador é submetido à retirada de até 70% do fígado. Nos meses que se seguem à cirurgia, o fígado nativo do doador se regenera e atinge o tamanho de até 90% do original, com função normal.¹⁹

Assim como as plantas, o fígado necessita de mais gás carbônico que de oxigênio. Seu maior aporte de sangue é venoso – pela veia porta. Também o processo de glicogênese coordenado pelo fígado é semelhante ao que fazem os vegetais com o amido.

Tabela 1. Índice de Karnofsky.

Grau de inaptidão e deficiências funcionais	Escala (%)	Descrição
Apto para atividade normal e trabalho; nenhum cuidado especial é necessário.	100	Normal sem queixas, sem evidência de doença.
	90	Capaz de exercer atividades normais. Pequenos sinais ou sintomas de doença.
	80	Atividade normal com alguma dificuldade, alguns sinais e sintomas de doença.
Inapto para o trabalho; apto para viver em casa e cuidar de muitas de suas atividades; necessidade de assistência e suporte são variáveis.	70	Capaz de cuidar de si próprio, incapaz de atividade normal ou de trabalho ativo.
	60	Requer ajuda ocasional, porém apto a cuidar da maioria das suas necessidades.
	50	Requer ajuda considerável e atenção médica ou especializada frequente.
Inapto para cuidar de si mesmo; requer cuidados hospitalares ou equivalentes; doença pode estar progredindo rapidamente.	40	Incapaz, necessita de cuidado especial e ajuda.
	30	Gravemente incapaz, admissão hospitalar indicada, mas sem risco de morte iminente.
	20	Muito doente, necessidade de admissão hospitalar imediata e terapia de suporte.
	10	Moribundo, rápida progressão para fatalidade.
	0	Morte.

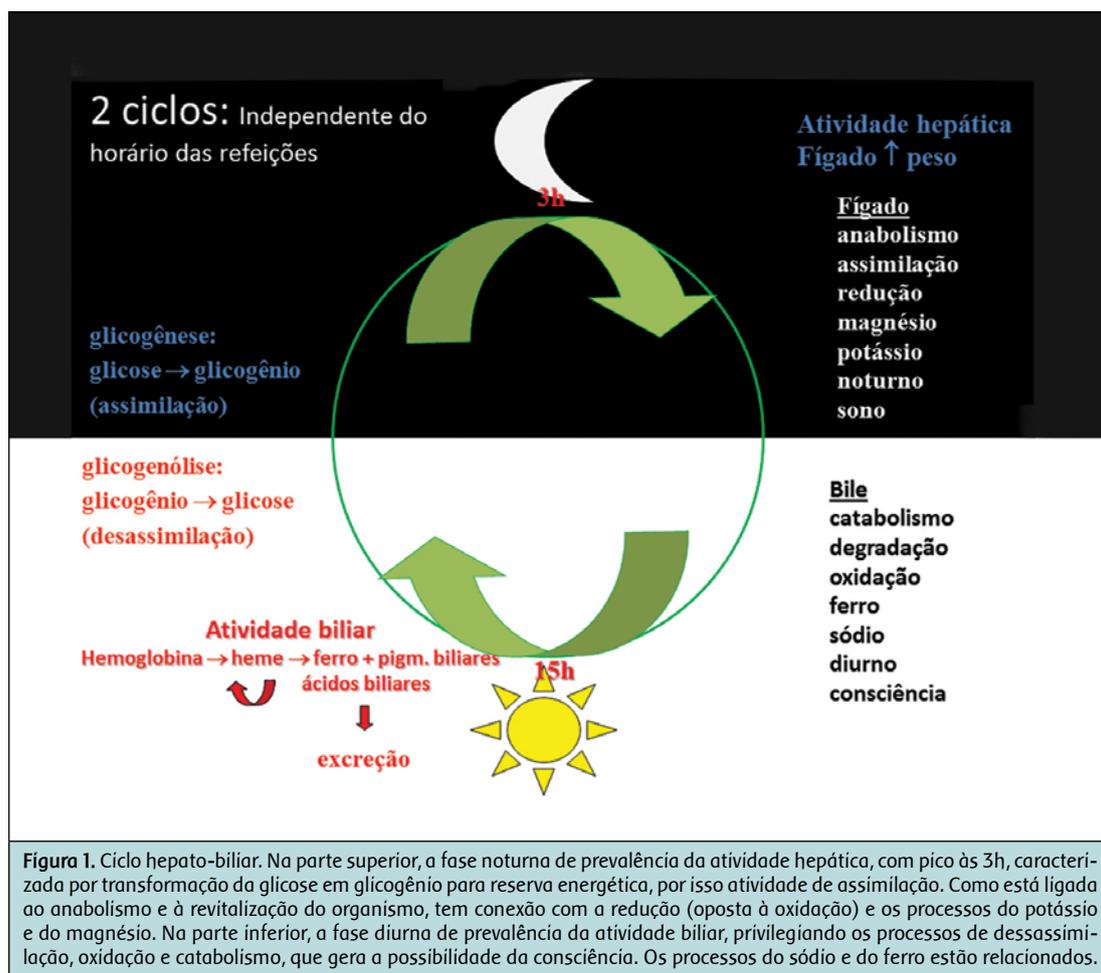
Pela veia porta chega ao fígado todo material absorvido nos intestinos, com exceção de parte dos lipídios que é transportada por via linfática. O alimento, que provém do mundo externo, é em princípio um elemento estranho ao organismo. Ele deve "morrer" no processo digestivo, especialmente no estômago, depois ser absorvido pela mucosa gastrintestinal e chegar até o fígado. Nele, e somente nele, a substância que foi absorvida é permeada pela vitalidade própria daquele organismo humano e então deixa de ser algo estranho, do mundo, e passa a ser seu próprio, ou seja, disponível para ser "usada" pela organização do eu. Isso vai ao encontro do que afirmaram Steiner e Wegman: "tudo que chega à esfera da organização do eu morre."⁵

Por vitalizar os líquidos orgânicos e estar fortemente ligado à vitalidade, o fígado é chamado de órgão-água na medicina antroposófica. Sua constituição também aponta para esse elemento: 71% de água.¹²

A atuação fisiológica do fígado deve, no corpo, promover a individualização das substâncias e do metabolismo energético. Na alma, sua atividade se traduz em vontade, força nas decisões e na atuação. Do metabolismo provêm

as forças vitais para a ação, e o órgão central do metabolismo é o fígado. Se este não atua de modo saudável, o metabolismo pode se tornar lento e surgirem as intolerâncias alimentares, má-digestão, gosto amargo na boca, sede excessiva e má individualização das proteínas – que em termos patológicos pode conduzir aos eczemas e alergias. Na alma, tal atuação insuficiente ou patológica pode levar à paralização da vontade (depressão), medo da vida, indecisão, tendência à procrastinação e inércia.

A Figura 1 mostra sumariamente o ciclo hepato-biliar.^{12,13} A parte superior mostra a fase noturna deste ciclo, quando há predominância da atividade hepática anabólica, com pico às três da madrugada. Há os processos de assimilação, especialmente a glicogênese, e de revitalização, pois ocorre durante o sono. Já a fase diurna se caracteriza pelo catabolismo, com atividade biliar e os processos que geram consciência. Esta desgasta a vitalidade e é simbolizada no mito de Prometeu acorrentado pela águia, um animal cujo sensorio é bastante aguçado. De dia, a águia comia o fígado de Prometeu, ou seja, os processos de consciência desgastam a vitalidade. À noite, a águia ia embora e o fígado se regenerava.



A ORGANIZAÇÃO ANÍMICA

Também chamada de corpo astral, a organização anímica é o que o ser humano tem em comum com o reino animal. Daí vem o termo “anímico”, do latim *anima*, pertencente à alma. Animais literalmente são seres que têm alma, que têm sensibilidade e movimento próprio. Da mesma forma que o termo vital, o termo anímico parece ser mais didático que “astral” por remeter o leitor à ideia de alma e de animal.

A organização anímica deve dominar a vital para que exista vida de relação, uma evolução em relação ao reino vegetal. Ela é responsável pelos instintos, pela sensibilidade (dor, prazer), pela simpatia e antipatia diante dos estímulos, pelo catabolismo e excreções. Segundo Husemann e Wolff, a organização anímica sempre se manifesta em polaridades: prazer e dor, simpatia e antipatia, tensão e distensão, vigília e sono.¹³ As forças do desgaste, ou seja, aquelas forças que se opõem à vitalidade, são do âmbito da organização anímica.

Quando há uma dinâmica saudável entre as organizações anímica e vital, a primeira deve dominar a segunda para o controle do crescimento e anabolismo, com seu desgaste adequado, para haver vida de relação, movimento, psiquismo. Essa atuação se dá principalmente através das glândulas e do sistema nervoso.⁸

Se o oposto acontecer (o vital dominar o anímico), então as forças de crescimento não serão adequadamente contidas e haverá uma proliferação aumentada, como vista em alguns processos patológicos neoplásicos e hipertrofias tissulares (de amígdalas e adenoides, por exemplo). Os conceitos antroposóficos de histeria também consideram um excesso de vitalidade a partir do sistema metabólico mal dominada pelo anímico, ou processos metabólicos que se tornaram independentes, originando todos os sintomas conhecidos.^{12,20}

Quando o anímico desgasta excessivamente o vital, surgem quadros de hipersensibilidade, ansiedade, hiperacidez gástrica, hipertensão arterial, dentre outros.

A organização anímica é avaliada por algumas características: sensibilidade, tônus muscular, motricidade, pressão arterial, gestual, agilidade, sono e sonhos.^{10,11}

A gastrulação – processo de invaginação de folhetos embrionários, de interiorização, que ocorre após a fase de blástula – é expressão da atuação da organização anímica no embrião dos animais e dos seres humanos. Ela não ocorre nos vegetais.

Se considerarmos que a consciência de nossa organização vital, assim como dos vegetais, é a consciência do sono profundo, a consciência da organização anímica e também dos animais é a consciência do sonho, situando-se logo abaixo da consciência vigil.⁶

Dos quatro elementos anteriormente citados, aquele ligado à organização anímica é o ar. Chamamos de organismo aéreo o conjunto de gases no organismo, que revela a atuação da organização anímica na física.¹⁵

O ÓRGÃO-AR

O principal componente do ar é o nitrogênio. Quem lida com os compostos nitrogenados do sangue no organismo humano são os rins. Por isso o rim é chamado de “órgão-ar” na medicina antroposófica. Ele tem marcada função excretora, como visto anteriormente do âmbito da organização anímica.

Do ponto de vista antroposófico, o rim tem duas funções básicas: a de excreção e de injeção – “astralizar” as substâncias provindas da digestão de modo semelhante ao que o fígado faz ao vitalizá-las. O sistema digestório separa a substância (alimento) de sua vitalidade e astralidade próprias. O fígado impregna o alimento digerido de forças vitais próprias do organismo; o rim o impregna de forças anímicas (ou astrais). Esse é um processo denominado irradiação renal.⁹

Hoje sabemos que os rins também têm função endócrina, ou seja, produzem hormônios como a renina e a eritropoietina.

É interessante notar que muitos animais marcam seus territórios através da urina, produto de excreção dos rins – órgãos de máxima expressão anímica, por assim dizer. Os animais usam a urina justamente como sua “marca registrada”, para impor aos outros animais sua “animalidade”.

Diferentemente do fígado, o rim necessita de grande aporte de oxigênio, através de sangue arterial, tem uma pequena capacidade de regeneração e uma grande sensibilidade dolorosa – características da organização anímica. É de conhecimento de todos que algumas sensações podem causar polaciúria como, por exemplo, o medo.

ORGANIZAÇÃO DO EU

A antroposofia não considera que o ser humano seja um “animal racional”. Sob seus conceitos, considera-se que os seres humanos pertençam a um reino próprio, que talvez possa ser chamado de reino humano, tão diferente do reino animal como este do vegetal, e da mesma forma este do mineral. Isso decorre do fato do ser humano desenvolver três habilidades exclusivas que o diferencia dos animais: andar ereto, falar e pensar. Nenhum outro ser tem estrutura esquelética para se manter com a coluna vertebral ereta normalmente por muito tempo; alguns animais podem se manter eretos por pouco tempo, como por exemplo, o macaco, o urso, o pinguim, mas logo têm que abandonar essa posição. Algumas aves repetem sons, mas não falam, isto é, não se expressam conscientemente pela fala. E o pensamento é sabidamente exclusivo do ser humano.

Esse conjunto de habilidades dá às pessoas autoconsciência, permite a autorreflexão e a possibilidade de modelar seu próprio destino individual. Este é o âmbito da quarta organização que compõe o ser humano: a organização do

eu, ou individualidade, ou ainda espírito. Steiner e Wegman citam uma diferenciação entre “eu” e “organização do eu”:⁵

O corpo astral precisa construir sua organização dentro das organizações física e etérica; o mesmo o eu deve fazer em relação à organização do eu. [...] O eu edifica sua “organização do eu”; ele a desgasta quando a atividade volitiva se torna atuante na autoconsciência.

A organização do eu deve dominar os princípios anímicos, ou seja, os instintos, para desenvolvimento da consciência. Numa dinâmica correta e saudável, organização do eu deve dominar os princípios anímicos, ou seja, os instintos, para desenvolvimento da consciência. A partir disso pode se desenvolver a autoeducação, o autocontrole e a superação da polaridade simpatia/antipatia. Quando o oposto acontece, ou seja, o anímico domina a organização do eu, então predomina a impulsividade, a perda do autocontrole e surge o comportamento “bestial”, desumano.²¹ Não é um exagero dizer, nesses termos, que quando a organização do eu não consegue se impor diante da organização anímica, a pessoa se comporta como um animal.

A organização do eu pode ser avaliada pela observação do andar ereto, do falar e do pensar. Também pelo equilíbrio (físico e psíquico), pela postura, pela temperatura corporal, pelo olhar presente, concentração, determinação, “presença de espírito” (dizer ou fazer a coisa certa na hora certa), coerência e pela imunocompetência.^{10,11}

A biografia do ser humano é uma imagem do desenvolvimento do indivíduo e carrega a assinatura do eu.²¹

O fogo é o elemento relacionado à organização do eu. No calor vive o eu, ou como dito por Steiner e Wegman, “a organização do eu vive totalmente em estados de calor”.⁵ Através do sangue o calor se propaga pelo organismo, então podemos dizer que o sangue é o “veículo” da organização do eu.

A temperatura orgânica – sua regulação, distribuição e fisiologia – está no âmbito da organização calórica. Esta mostra a atuação da organização do eu na organização física.¹⁵ A febre representa um esforço da organização do eu para, através do calor, permear todo o organismo. Isso é de fundamental importância na infância, especialmente nos sete primeiros anos de vida, quando o organismo infantil precisa eliminar o padrão herdado de proteínas e estruturar seu próprio padrão. Isso deve acontecer ao longo de anos, porém mais marcadamente acontece durante as doenças febris. É de amplo conhecimento a presença da proteinúria durante a febre. Outras vias também são usadas para eliminação das proteínas herdadas, como a pele (através das doenças exantemáticas e purulentas), as vias aéreas (através dos catarros) e o intestino (pelas diarreias).

Podemos “quadrimembrar” as manifestações de um processo inflamatório: o rubor decorrente da hiperemia, gerando maior fluxo de substâncias, demonstra a participação da

organização física; a tumoração decorrente do edema, do extravasamento de líquido, assim como a proliferação celular (leucócitos, histiócitos, tecido de granulação), é resultado da atuação da organização vital; a dor, a acidez tissular (pela histamina e serotonina), o movimento de fagocitose, o catabolismo proteico e a oxidação são efeitos da organização anímica; e finalmente o calor local aumentado e eventualmente a presença da febre são manifestações geradas pela participação da organização do eu no processo inflamatório.

SALUTOGÊNESE E ORGANIZAÇÃO DO EU

Complementar à patogênese que busca estudar e entender as diversas doenças, a salutogênese tem como objeto de estudo a saúde humana, os fatores de resistência que impedem a pessoa de adoecer (num conceito mais ampliado de doença), ou que favorecem sua recuperação, ou ainda que a ajudam a viver melhor no percurso da doença ou de um revés. A salutogênese estruturou alguns conceitos importantes que fundamentalmente dizem respeito a atributos da organização do eu. A autorregulação é um deles. Ela é composta por quatro habilidades: capacidade de reestruturação, equilíbrio interno, autoestímulo e competência para lidar com estresse. É interessante notar que a autorregulação interfere no prognóstico de doenças graves como infarto agudo do miocárdio e câncer, e que pode ser modificada durante o percurso da doença.²²

Outro conceito ligado a atributos da organização do eu é o senso de coerência, formado por três capacidades: compreensibilidade, significabilidade e manuseabilidade.²³

O texto abaixo, extraído de *Contra a poluição do eu*, mostra com propriedade algumas atribuições da organização do eu, ainda que em potencial. Seu autor, Jacques Lusseyran (1924 – 1971), escritor e ativista político francês, era cego desde os oito anos de idade. Ele participou do movimento de resistência francesa à ocupação nazista, tendo sido preso e levado a um campo de concentração durante a Segunda Guerra Mundial. Mesmo contra todas as adversidades encontrou forças, essas que são descritas a seguir, para sobreviver e ainda motivar seus companheiros na prisão a resistir:²⁴

O eu é frágil. Em cada um de nós, o eu não é um bem que possuímos, um conjunto de qualidades das quais podemos nos orgulhar. Não, o eu é apenas um impulso, no máximo um impulso. O eu é uma força que está apenas nascendo. É uma promessa que é feita ao ser humano de um dia poder existir, tal como o universo existe; de um dia poder olhar o mundo com olhos abertos e olhar para si mesmo e reconhecer que existe uma ordem, uma relação necessária entre o universo e a individualidade. [...] O que chamo de eu é esse movimento, esse impulso que me permite servir-me dos quatro elementos desta Terra na qual vivemos e também da minha inteligência e das minhas emoções, e até de

meus sonhos. Enfim, *o eu é uma força que me dá um poder que nenhuma outra força dá*: a força para não ficar esperando passivamente que a vida venha a mim para vivê-la. O ego tem a necessidade de coisas, o maior número possível de coisas, daquelas coisas que denominamos dinheiro, reputação, aprovação, poder, recompensas. O eu não pede, não busca nada disso. Se o eu existe, se está ativo e faz opções, o eu compara um mundo com o outro. O eu é uma *riqueza* no meio da pobreza. O eu é o *interesse pelo próximo*, quando todos em volta estão indiferentes. O eu é a *esperança* quando todas as possibilidades objetivas de esperança desapareceram. É do eu que provêm todas as *invenções* dos homens. O eu é o que nos resta quando todas as coisas, tudo o mais nos foi retirado, quando nada mais nos chega de fora. O eu é aquele que faz com que nossas forças interiores sejam suficientemente grandes para compensar a falta de coisas.

Podemos correlacionar os conceitos salutogênicos com os da antroposofia. Para a salutogênese, o importante é reforçar os fatores de resistência, buscar forças no eu para superar reveses e obstáculos. Isso vai ao encontro do conhecimento antroposófico que considera que a organização do eu nunca adocece. Ao contrário, dela podem partir forças sanadoras, forças de superação para, a partir das vivências, ocorrer o aprendizado. Ambas as filosofias consideram que o ser humano é um ser em evolução.

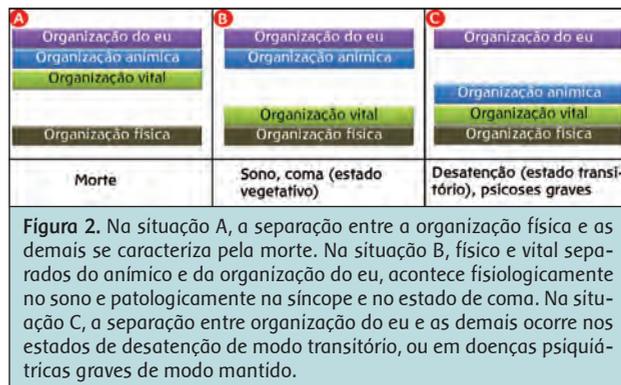
O ÓRGÃO-FOGO

O artigo de Walther Bühler, publicado em edição anterior desta revista, mostra com grande clareza a visão antroposófica do coração. Ele tem estreita ligação com os dois polos do organismo – o metabólico-locomotor e o neurossensorial – e desenvolve um papel de equilibrador, de mediador desses dois sistemas.²⁵

Movimento gera calor. O calor no organismo humano está fundamentalmente ligado ao sangue, e o órgão que lida com a cinética do sangue é o coração. Por isso, para a medicina antroposófica o coração é nosso órgão-fogo.

A LIGAÇÃO ENTRE AS ORGANIZAÇÕES

Num estado de consciência vigil, podemos dizer que as quatro organizações estão atuantes, unidas. Durante o sono, organização do eu e anímica se separam das outras duas. Na morte, há a separação definitiva entre organização física e as demais. A Figura 2 mostra de modo esquemático, três situações diferentes de ligações entre as organizações.



A QUADRIMEMBRAÇÃO DE UM ORGANISMO SOCIAL

Empresas, instituições ou quaisquer organismos sociais também podem ser quadrímembrados, de acordo com Daniel Burkhard e Jair Moggi.²⁶

A organização física de uma empresa são seus recursos, tudo aquilo que ocupa espaço: móveis, máquinas, computadores etc. A organização vital são os processos que ocorrem no tempo: fluxo de dinheiro, de informações, documentação, dentre outros. A organização anímica são os relacionamentos (aquilo que ocorrem entre pessoas): motivação, vontades, pensamentos, medos etc. Já a organização do eu de um organismo social é evidenciado por sua identidade (missão, visão, valores) e determina a biografia dessa instituição.

TABELA SUMÁRIA

A Tabela 2 mostra um sumário do que aqui foi exposto.

Organização	Elemento	Reino	Dimensão	Órgão	Temperamento	Estado de consciência
Física	Terra	Mineral	Espaço	Pulmão	Melancólico	Sem consciência
Vital	Água	Vegetal	Tempo	Fígado	Fleumático	Consciência de sono
Anímica	Ar	Animal	Relacionamento, sensibilidade	Rim	Sanguíneo	Consciência de sonho
Do eu	Fogo	"Humano"	Consciência	Coração	Colérico	Consciência vigil, presença de espírito

OS QUATRO MÚSICOS DE BREMEN

Um dos contos resgatados pelos irmãos Grimm a partir das tradições da Europa central, no século XIX, é o conto *Os quatro músicos de Bremen*. Quatro animais – cada um representando uma das quatro organizações aqui estudadas – saem de seus lares fugindo da morte, em busca de Bremen, a cidade das pessoas livres. Como todo conto dos Grimm, este é cheio de simbolismo.

É interessante notar como as características de cada um dos animais correspondem às qualidades das quatro organizações que compõem a quadrimembração humano.

Viver implica em lidar com a morte, que representa as forças materiais buscando apoderarem-se do ser humano. Uma saída para deter tais forças é a experiência do espiritual – neste conto representado pela música, a harmonia das esferas. Os quatro animais cantando juntos formam uma harmonia que colocam os ladrões (os baixos impulsos) para fora da casa que passam a ocupar.²⁷

Agradecimentos

O autor é grato a Moacyr M. Morais e a Jorge K. Hosomi pelas traduções gentilmente cedidas de livros e artigos referenciados neste estudo.

Declaração de conflito de interesses

Nada a declarar.

Referências bibliográficas

- Hesíodo. Teogonia : a origem dos deuses. 7ª ed. São Paulo: Iluminuras; 2007.
- Costa LR, Reis NA. Macunaíma: a história da mitologia tupi-guarani na obra de Mário de Andrade [monografia na Internet]. Anais eletrônicos do VI Encontro de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Sergipe; 2015[citado 2015 Out 3]. Disponível em: <http://enpoleufs.com.br/textos/Luana_Regia.pdf>.
- Bíblia sagrada [livro na Internet]. Bíblia online Almeida [citado 2015 Out 3]. Disponível em: <<http://www.bibliaonline.com.br>>
- Marcondes D. Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein. 13ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2010.
- Steiner R, Wegman I. Elementos Fundamentais para uma Ampliação da Arte de Curar. 4ª ed. São Paulo: Antroposófica; 2015.
- Steiner R. A ciência oculta. 6ª ed. São Paulo: Antroposófica; 2006.
- Steiner R. Answers to some questions concerning karma.GA 34 [monografia na Internet]. Fremont: Rudolf Steiner Archive; 2001 [citado 2015 Out 30]. Disponível em: <http://wn.rsarchive.org/Articles/GA034/English/AP1962/ReKarm_questions.html#sthash.sktu2Tw7.dpuf>.
- Fintelmann V. Médecine intuitive. Paris: Aethera; 2005.
- Galitesí CRL. O dente à imagem do homem – Odontologia integral à luz da antroposofia. São Paulo: Antroposófica; 2011.
- Ghelman R, Hosomi JK, Yaari M, Castro AV, Pravatto Jr M, Costa LAN et al. Ficha Clínica Antroposófica do Núcleo de Medicina Antroposófica da Universidade Federal de São Paulo – Escola Paulista de Medicina. Arte Méd Ampl. 2012;32(1):12-21.
- Nakamura UM, Ghelman R. Medicina antroposófica. In: Lopes AC (ed.). Diagnóstico e Tratamento. Sociedade Brasileira de Clínica Médica. São Paulo: Manole; 2005.
- Bott V. Medicina antroposófica – uma ampliação da arte de curar. 3ª ed. São Paulo: Associação Beneficente Tobias; 1991.
- Husemann F, Wolff O. A imagem do homem como base da arte médica. São Paulo: Resenha Universitária; 1978.
- Steiner R. Supersensible knowledge: Lecture III: The origin of suffering. GA 55 [monografia na Internet]. Fremont: Rudolf Steiner Archive; 2014 [citado 2015 Out 3]. Disponível em: <<http://wn.rsarchive.org/GA/GA0055/19061108p02.html>>.
- Gardin NE, Schleier R. Medicamentos antroposóficos: vademecum. São Paulo: João de Barro; 2009.
- Steiner R. The riddle of humanity. The sense-organs and aesthetic experience [monografia na Internet]. Fremont: Rudolf Steiner Archive; 1975 [citado 2015 Out 3]. Disponível em: <<http://wn.rsarchive.org/GA/GA0170/19160815p02.html>>.
- Setzer SAL. Os sete processos vitais. Arte Méd Ampl. 2008; 28(1-2): 26-35.
- Karnofsky DA, Burchenal JH. The clinical evaluation of chemotherapeutic agents in cancer. In: Macleod CM, editor. Evaluation of chemotherapeutic agents. Columbia: Columbia University Press; 1949.
- Transplante hepático [monografia na Internet]. São Paulo: Hospital Sírio-Libanês [citado 2015 Out 3]. Disponível em <<https://www.hospitalsiriolibanes.org.br/hospital/especialidades/nucleo-avancado-figado/Paginas/transplante-hepatico.aspx>>
- Treichler R. Biografia e psique. Graus, distúrbios e enfermidades da vida anímica. São Paulo: Antroposófica; 1988.
- Van der Bie G, Huber M. Foundations of anthroposophical medicine. Edinburgh: Floris Book; 2003.
- Grossarth-Maticek R, Kiene H, Baumgartner SM, Ziegler R. Use of Iscador, an extract of European mistletoe (*Viscum album*), in cancer treatment: prospective nonrandomized and randomized matched-pair studies nested within a cohort study. Altern Ther Health Med. 2001;7(3):57-66, 68-72, 74-6 passim.
- Moraes WA. Salutogênese e auto-cultivo: uma abordagem interdisciplinar. Belo Horizonte: Associação Brasileira de Medicina Antroposófica; 2015.
- Lusseyran J. Contra a poluição do eu. São Paulo: Liga dos Usuários e Amigos da Arte Médica Ampliada, 2003.
- Bühler W. O coração – órgão da cordialidade. Arte Méd Ampl. 2012; 32(2): 59-67.
- Burkhard D, Moggi J. O capital espiritual da empresa. São Paulo: Antroposófica; 2014.
- Contos de Grimm. Os músicos de Bremen [monografia na Internet]. Wikisource [citado 2015 Out 9]. Disponível em: <https://pt.wikisource.org/wiki/Contos_de_Grimm/Os_m%C3%BAasicos_de_Bremen>.

Avaliação: Três membros do conselho editorial

Recebido em 15/10/2015

Aceito em 06/11/2015